

## Apresentação

Contemplando questões que nos levam a reconhecer as interfaces fecundas entre a literatura, a geografia cultural, a história e a sociologia, o presente número da publicação oficial da ABECAN traz reflexões sobre as representações imaginárias do lugar, a noção de espaço habitado, a consciência diaspórica, as mobilidades culturais, as políticas e práticas de imigração, os vínculos entre identidade, alteridade e a construção de subjetividades, temas relevantes de nossa época.

Inspirando-se em Hölderlin e Heidegger, Rachel Bouvet se indaga sobre outra forma de se habitar o mundo, que se torna, a cada dia, menos apto para conferir hospitalidade ao ser humano. Para tanto, dá ênfase ao conceito de geopoética e a suas práticas, assumidas por artistas, professores, escritores e outros profissionais, ligados entre si por um traço em comum: o sentimento de pertencer à Terra. Campo de pesquisa e de criação transdisciplinar, a geopoética é definida como resistência à compartimentalização das áreas do conhecimento e como possibilidade de encontro entre as artes, as ciências e a literatura.

Ao privilegiar o imaginário da mobilidade presente em muitas produções de nossos dias, Maria Zilda Cury evoca as profundas modificações detectadas nas relações entre o ser humano e o espaço, a partir das quais se fizeram necessárias novas conceituações da referida categoria. Domínio propício à expressão das movências e de ficcionalizações identitárias correspondentes aos novos tempos, em sintonia com outras disciplinas, como a Geografia e as Ciências Sociais, a Literatura se reveste, no artigo de Cury, de uma importância significativa. É o que se reconhece na análise dos romances *Rakushisha*, de Adriana Lisboa, e *Tsubame*, de AkiShimazaki, nos quais se identifica a enunciação de outras vozes, declinadas no exílio vivenciado no feminino.

Proposta por Józef Kwaterko, a análise do intercâmbio epistolar entre escritores e poetas haitianos e quebequenses traz efetiva contribuição aos estudos centrados na experiência exilar, na consciência diaspórica e nas migrações pós-coloniais. Fugindo a qualquer resquício de vitimização e exotismo, as cartas trocadas entre os romancistas e poetas em questão efetivam o diálogo intercultural e apontam a situação pós-exílica do escritor haitiano instalado no Quebec.

À luz de pistas produtivas de leitura fornecidas pela escritora caribenho-canadense Dionne Brand, Sandra Regina Goulart Almeida explora o conceito de gênero no interior das novas diásporas. A partir de obras teóricas e literárias da

autora nascida em Trinidad, ressalta os vínculos entre uma política e uma poética da diáspora na contemporaneidade no seio da qual se elaboram novas etnicidades. Salienta ainda a representação do corpo racializado e gendrado, capital simbólico e cultural, lugar de vestígios e de memórias esquecidas.

A seguir, dois textos conferem destaque à representação de seres discriminados socialmente que, rompendo o silêncio a que foram condenados, assumem vozes da alteridade de forma inventiva. O célebre monólogo *La Sagouine*, consagrado, em grande parte, graças à interpretação de Viola Léger, é analisado por Renato Venâncio Henriques de Sousa, que destaca seu alto grau de elaboração discursiva. Ao colocar, no centro de sua análise, a figura de uma faxineira, que ocupa um lugar significativo no universo da escritora acadiana Antonine Maillet, contribui para uma reflexão sobre a capacidade de resistência de uma comunidade ameaçada de desaparecimento no mapa atual das configurações identitárias. A comparação de segmentos sociais marginalizados no interior das sociedades brasileira e quebequense, de autoria de Ivete Walty, singulariza-se por seu caráter inovador e instigante. Ao ler o espaço como entrecruzamento de histórias e trajetórias, destaca a necessidade de se refletir sobre a constituição de subjetividades em um processo de enunciação compósito, como se depreende, em particular, na leitura de dois produtos culturais ligados a grupos excluídos: as revistas *Ocas* (Brasil) e *L'Itinéraire* (Québec).

Em seu artigo, Dominique Boxus elege dois romances de um dos autores mais criativos das letras francófonas: Michel Tremblay cuja obra dramática merece, em geral, mais atenção da crítica do que sua produção romanesca. Ao propor a leitura da homoafetividade no *corpus* escolhido, enfatiza a estética popular característica do autor que, por meio dela, expressa sua forma de conceber e de representar o mundo.

O estudo da inquietante estranheza constitui o eixo norteador da análise da obra “indisciplinar” e interdisciplinar *Mégapolis: lesdernierspasduflâneur*, de autoria de Régine Robin. Na sua leitura, Silvana Matias Freire acompanha as deambulações da personagem-narradora que, reinventando a figura do *flâneur*, circula em cinco megalópoles, em uma errância sem fim, durante a qual se depara com a figura perturbadora e fascinante do duplo.

A obra do consagrado diretor Robert Lepage, que transita entre diferentes domínios artísticos, como o teatro, o circo, a ópera e o cinema, é contemplada na análise desenvolvida por Luciana Barone. Nas criações desse artista plural,

ela identifica uma poética singular marcada pela construção de subjetividades a partir do encontro de diferentes alteridades.

Fruto de pesquisas desenvolvidas na área da Memória Social, o artigo de Cleusa Graebin enfoca experiências realizadas no Brasil e no Quebec, vinculadas à questão do patrimônio. Para tanto, reflete sobre a renovação de instituições museais nos contextos brasileiro e quebequense por meio das quais é incentivada a adoção de novas práticas que favorecem o exercício da cidadania cultural.

Paralelismos estabelecidos entre os processos de imigração em países do Norte e do Sul ganham visibilidade nos textos de Ofelia Scher e Rosana Barbosa. A primeira analisa políticas de recepção a imigrantes e refugiados, criadas no Canadá e na Argentina, reconstituindo o contexto histórico e político no interior do qual surgiram tais práticas. Valendo-se de dados históricos distribuídos ao longo do tempo, a outra pesquisadora e professora propõe um panorama dos fluxos migratórios entre o Brasil e o Canadá. Para tanto, oferece pistas para suprir lacunas nos estudos realizados até agora, ainda insuficientes, segundo sua leitura.

Fechando o número 14 da Revista Interfaces Brasil/Canadá, a partir de reflexões sobre a tradição intelectual dos anos 1960 e sobre linhas de força advindas da tradição francesa (Derrida, Foucault, Lacan) e da escola de Frankfurt (Marcuse e Adorno), Camille Paglia confere destaque a três intelectuais norte-americanos – Marshall MacLuhan, Norman Brown e Leslie Fiedler – que desvendaram os modos de funcionamento do trabalho imaginativo, estendendo suas reflexões aos campos da história e da sociologia, fertilizando o debate interdisciplinar.

Registro aqui meus especiais agradecimentos aos editores-professores-Gunter Axte Arnaldo Vianna Neto e à Profa. Maria Zilda Ferreira Cury, editora convidada para a organização do presente número, sem os quais esta publicação teria sido dificultada. Finalmente, não poderia deixar de assinalar o papel relevante desempenhado pela Prof<sup>a</sup> Zilá Bernd no atual momento de transição e de reestruturação da ABECAN. Graças a seu apoio incansável e à nova parceria entre a UFF e a UNILASALLE, a divulgação dos estudos canadenses por meio de nosso periódico adquiriu novo fôlego, o que assegura o caráter promissor e renovado dos diálogos Brasil-Canadá.

Maria Bernadette Porto  
Editora